

mas persistente, como conquistamos a anistia e eleições diretas para governador. Queremos eleger Prefeito, queremos eleger presidente. Fora ditadores. Fora interventores".

Isso, em resuma, foi as manifestações, os pronunciamentos dos : vereadores, jovens, líderes dos bairros, líderes do PMDB, do PDT e até do PDS. As manifestações foram coordenadas e realizadas pelo Setor Jovem, numa movimentação geral de todos os jovens: uns distribuindo convites, outros com alto-falantes, outros fazendo contactos de casa em casa e outros organizando ônibus, locais e aparelhagens. Enfim muito bonito o empenho e a consciência de todos. O que ficou patente é que todos estão saturados de ditaduras e que cada vez mais nos uniremos em torno desta luta.

Foram realizados dois encontros, um em Marechal Cândido Rondon e outro em Santa Helena, no intuito de formar uma Comissão dos Setores Jovens da faixa de fronteira. Os estatutos já estão prontos em breve será realizado o encontro com todos os Setores Jovens da faixa de fronteira para aprovar o Estatuto e tirar lutas em comum.

O Setor Jovem do PMDB de Foz do Iguaçu realizará sua convenção no dia 30 de outubro de 1983. Haverá uma chapa por vontade da maioria dos integrantes do Setor Jovem o nome da Chapa será "GREGORIO BEZERRA" (im. memoria) e terá como homenageado especial ALTAIR FERRAZ DA SILVA (Zizo) pela bravura em denunciar as corrupções do CETREMI, e por moralizar o mesmo órgão.

E por ultimo estamos realizando contatos para trazer no mês de novembro o Ex-Governador e atual Dep. Federal MIGUEL

## Palestra com o Deputado Federal

### HELIO DUQUE



DSJ promoveu uma palestra com o Deputado Fed Helio Duque no dia 20 de Agosto onde estiveram presentes perto de 500 pessoas, líderes políticos, re-

presentes de bairros e de diversas classes. Falou da LSN a corrupção e ladrocinha da coisa pública a nível de governo Federal. Esses cartazes com a foto do Juvêncio Mazzarollo na da mais é que a sintese do arbítrio, da intolerância do crime de liberdade de imprensa. E para os ladrões da coisa pública não existe lei de segurança, não existe penitenciária. Somos um País que falta terra para nossa gente. Enquanto 10% das terras brasileira são tituladas para grandes grupos internacionais. Onde há o desespero social representado pelo desemprego, é essa a segurança que eles pregam: a segurança do arrocho e da perseguição para o povo brasileiro, a segurança para conter os movimentos libertários da nacionalidade, para assegurar a prosperidade para aqueles que estão hipotecando o futuro e o amanhã dos nossos filhos.

Escândalos e a dívida. A dívida é um campeonato que nos envergonha. A maior dívida que tem no mundo é a do Brasil. Quem fez esta dívida? E para que foi feita? Para executar projetos ciclôpicos, para alimentar a corrupção...

## ARRAES para falar sobre a "QUESTÃO DO NORDESTE" e sobre a "CONJUNTURA POLITICA ATUAL"

O QUE ESTÁ SENDO DISCUTIDO NO DIRETÓRIO MUNICIPAL DO SETOR JOVEM ?

A atual Diretoria do Setor Jovem preocupou-se durante o mês de outubro em fazer uma avaliação dos trabalhos realizados durante sua gestão. A discussão foi muito boa e proveitosa para todos. Muitas críticas foram feitas, como também muitos elogios à atual Direção do Setor Jovem. Isso nos mostrou o quanto conseguimos crescer nesse ano, muitas lideranças surgiram, muitas estão surgindo e o que ficou patente nessas discussões todas é que o trabalho não deve parar. Por isso tomamos a liberdade de sugerir a nova diretoria que será empossada no dia 30 de outubro as seguintes medidas para melhorar o nosso trabalho.

EM RELAÇÃO AO PARTIDO : Observância aos princípios Estatutários e ao programa do Partido.

EM RELAÇÃO AO SETOR JOVEM ESTADUAL :

Assumir e divulgar os princípios do Setor Jovem Estadual.

DESCENTRALIZAÇÃO DO PODER:

Descentralização do poder da Diretoria do Setor Jovem. Como ? Formar comissões para os diversos problemas. Por exemplo : Questão do Juvêncio/Mazzarollo, Lei de Segurança Nacional, Serviço a Comunidade (trabalho de Mutirão) Eleição Direta para Prefeito e Presidente da República, Finanças, Desemprego, Acompanhamento e formação de Sub-Diretórios, Esporte, Cultura e Lazer, Intercâmbio com outros grupos de jovens, Arquivos, -

FUNDAÇÃO PEDROSO HORTA / SECÇÃO PARANÁ

## O PMDB E A REALIDADE NACIONAL

Palestra proferida no Forum de Debates pelo  
Deputado Federal e Secretário de Estado do  
Interior, Nelson Miguel Friedrich.

CADERNOS POLÍTICOS Nº 01

**MEMBROS EFETIVOS DO CONSELHO CURADOR**

Deputado Federal Olivir Gabardo - Pres. PMDB/PR.  
 Deputado Estadual Anibal Khoury  
 Deputado Estadual Adhails S. Passos  
 Deputado Federal José Alencar Furtado  
 Deputado Estadual Nelson Vasconcelos  
 Secretário do Interior, Nelton Miguel Friedrich  
 Secretário dos Transportes, Deni Schwartz  
 Prefeito Municipal de Curitiba, Maurício Fruet  
 Doutor Manoel de Oliveira Franco Sobrinho  
 Senadores Enéas Faria  
                   Alvaro Dias  
 Deputado Federal Amadeo Geara  
 Secretário dos Assuntos Comunitários, Antenor Bonfim  
 Suplentes Darci Deitos  
                   Deputado Federal Pedro Sampaio  
                   Deputado Estadual Caito Quintana  
                   Deputado Estadual Nestor Baptista  
                   Deputado Estadual Ezequias Moreira Rodrigues

**DIRETORIA ADMINISTRATIVA**

Diretor Presidente - Adhail Sprenger Passos  
 Diretor Vice-Presidente - Cícero Bley Júnior  
 Diretor Secretário - Márcio Almeida  
 Diretor Tesoureiro - Eng<sup>o</sup> Roberto Waine  
 Diretores: Dep. Estadual Roberto Requião  
                   Dep. Estadual Rubens Bueno  
                   Prof. Ana Maria Muratori  
                   Prof. Secretário de Planejamento, Belmiro  
                   Valverde Jobim Castor  
                   Vereador Alípio Leal  
 Suplentes: Eng<sup>o</sup> Gilberto Daher  
                   Luiz Carlos Romanelli  
                   Edson Feltrin

**APRESENTAÇÃO**

O grave quadro de crise que estamos vivendo exige a intensificação do debate político na busca de saídas que sejam do interesse democrático de nosso povo. O PMDB tem grande responsabilidade neste contexto, como partido que acumulou os maiores esforços e resultados na luta para devolver ao País perspectivas de progresso. Hoje, representa boa parcela da esperança dos brasileiros de ver a situação atual transfigurada em condições de plenitude democrática, de restabelecimento da soberania nacional e, principalmente, de ver inaugurado um novo período histórico em que a participação popular seja decisiva nas decisões e na construção deste País.

A Fundação Pedroso Horta, secção do Paraná, reorganizada recentemente, inicia seus trabalhos compreendendo a importância da ampliação do debate de idéias e propostas em nosso partido e no conjunto da sociedade. Esta primeira publicação tem esse caráter. É a transcrição da palestra do companheiro Nelton Friedrich, deputado federal e secretário do Interior do Governo José Richa. A palestra foi realizada na sede do Diretório Regional do PMDB, em outubro, e aponta questões fundamentais.

Neste trabalho, Nelton Friedrich apresenta o quadro nacional com os traços fortes que caracterizam seu estilo. E sobre esse pano de fundo apresenta os personagens da cena política, observando a rápida deterioração do regime e do Governo, a insatisfação popular e o acirramento das lutas sociais, questionando especialmente o papel do PMDB nesta conjuntura.

Três pontos fundamentais destacam-se de sua exposição. O primeiro, sobre o caráter da crise, em que demonstra que, além da crise conjuntural, estão problemas estruturais agravados e esperando soluções. O segundo, sobre a questão do poder, que transforma-se em problema imediato, tal a exigência de mudança do povo a pressionar um governo que perdeu suas principais bases de sustentação. O terceiro, sobre o papel do PMDB e sua composição política, neste momento em que deve se oferecer como alternativa concreta.

Este último aspecto da palestra do companheiro Nilton Friedrich é o que mais chama a atenção. Sem constrangimentos, mostra que no interior do PMDB convivem correntes políticas identificadas num programa mínimo comum. Pede a institucionalização dessas correntes como necessidade para a preservação da própria frente. Destacando que a unidade sobreviverá na medida em que o PMDB retome a ofensiva e se empenhe na luta pelos objetivos que ainda persegue e que só estarão atingidos com a substituição do regime.

Lembra o secretário do Interior que a vitória eleitoral do ano passado e a conquista de governos estaduais devem representar apenas um momento da caminhada do PMDB. A estação de baldeação, como diz o presidente Ulisses Guimarães. Os governos do PMDB devem cumprir seu papel, coerentes com o programa e orientados pelo Partido. Mas a força transformadora da situação econômica, social e política está no PMDB; o instrumento que deve reconquistar a capacidade de servir ao povo, mobilizando-o e apontando caminhos, para o árduo trabalho que temos pela frente.

Curitiba/outubro/83.  
Fundação Pedroso Horta

trar de outra forma com evidentes vantagens sociais. E estamos fazendo. (Habitação-Eletrificação-Saúde-Agricultura).

E, é claro, governar dentro dos interesses sociais mais amplos, pleiteando a participação democrática, insistindo na mobilização da sociedade e apontando, ao mesmo tempo, as soluções de fundo para a situação que vivemos.

*Não esquecendo que o Governo Estadual tem suas limitações, é um poder tutelado, e não pode e não deve este Executivo, com essas limitações, pretender conquistar todo o poder. Esta tarefa é do Partido.*

É que o Executivo do PMDB pode e deve fazer. A tarefa fundamental continua em mãos do Partido, que deve, inclusive, orientar o próprio Governo e conduzi-lo a cumprir da melhor forma o seu papel neste momento histórico, decisivo.

---

#### E VALE INSISTIR: UNIDADE SE CONQUISTA COM LUTA

---

*Nunca foi tão importante unificar todos os setores da oposição como neste momento.* Mas, sabemos, sem propostas de luta, sem uma prática de luta, essa unidade se dilui, as forças se desagregam, se confrontam e a principal força da oposição se esvai. *Porque sem luta o que está para cair não cai.* Sem oposição, um governo desmoralizado, carcomido pelas lutas internas, sem credibilidade, pode permanecer por muito tempo no poder e até encontrar nova situação favorável para se estabilizar. A História nos ensina tudo isso, mas precisamos levar essas lições à prática.

Neste momento, o instrumento central da luta das oposições brasileiras é esta ampla frente que constitui o PMDB. E novamente a História nos mostra que qualquer partido grande, por mais força que tenha acumulado, esfacela quando se imobiliza, especialmente em situações como esta que estamos vivendo, *quando o processo se acelera e passa a exigir respostas cada vez mais rápidas para os desafios que se impõem.* E se perdermos espaços será por omissão ou inapetência.

Seremos apenas um partido no governo de alguns estados e estaremos apenas um partido no Parlamento? Um partido de notáveis? Os seis meses, creio, foram suficientes para acabar com ilusões do gênero.

Precisamos retomar o processo de constituir um partido que pela força de sua ação política junto ao povo conquistou representação expressiva nos parlamentos e mesmo expressivos governos estaduais. Mas um partido que não perdeu a rota e sabe que seu compromisso fundamental está de pé: o de redemocratizar esse País e devolver ao seu povo as oportunidades de progresso.

Caso contrário, poderá nos acontecer como já cantou o cancionista popular: "O tempo passou na janela, só o PMDB não viu".

de nossos companheiros com textos, cadernos, ciclos de debates, audio-visuais e outros instrumentos.

Temos, ainda, o *Setor Jovem do Partido*. O *Setor Feminino*. O *Setor Trabalhista*. Pois bem, quais as tarefas e o papel específico desses setores? Que programa de ação deve dirigir suas atividades? De que forma eles concorrem para divulgação de nosso programa mínimo? De que forma eles concorrem para a mobilização de seu público específico, para sua organização e elevação do grau de consciência?

E tem mais:

Por exemplo: de que forma *se utilizar melhor da CPI da Corrupção* para desmoralizar completamente as forças mais comprometidas e reacionárias desse Estado?

Como fazer a estrutura do Partido voltar-se novamente para campanha, para o povo, para as ruas, para o ativismo político? De que forma fazer com que o Partido penetre, insira-se na realidade da vida e da luta de nosso povo?

O PMDB está inserido nas lutas de nosso povo? Não. Não bastam notas de solidariedade. Quero saber se ele está lá, junto com o operário grevista, junto com o desempregado, junto com o sem-terra.

E os que *estão no Executivo Estadual* também não podem perder esses referenciais, também não podem perder a rota. Não vamos confundir Executivo com o Partido e muito menos desejar, esperar ou admitir que o Executivo venha absorver o Partido. Mas, também, não podemos admitir que o Executivo se distancie, se divorcie das propostas do partido que o elegeu, do programa do partido que o sustenta.

Todos sabemos que não fizemos uma revolução. Conquistamos nas eleições do ano passado apenas uma parcela de poder. Tínhamos clareza que isto significaria apenas um passo a mais no caminho para o poder. Hoje, uns pretendem que estamos no poder e querem exercê-lo da maneira que temos conhecido o exercício do poder. Outros, querem aplicar já suas idéias e projetos que só o poder permite, e perdem a paciência. Tudo porque não percebem que não temos o poder.

### MAS OS QUE ADMINISTRAM, O QUE PODEM FAZER?

*Primeiro, cumprir*, dentro do que lhes é possível, *todos os compromissos programáticos maiores*. E isso é possível e estamos fazendo. Cito o exemplo do 13º salário e poderia citar muitos outros.

Em *segundo* lugar (e isto os governos estaduais do PMDB vêm cumprindo no que é possível), retirar dos controles do poder central e unitário do regime tudo que lhe seja possível, especialmente os instrumentos e mecanismos que foram utilizados até então para liquidar as próprias forças da nação.

Em *terceiro* lugar, o governo do PMDB pode e deve apresentar projetos alternativos, levá-los à prática, apresentá-los como viabilidade de adminis-

### PMDB E A REALIDADE NACIONAL

Nesses últimos dias, a crise política, econômica e social que oprime e estrangula o país condensou-se pesadamente, chispando os mais descontraídos e alarmantes boatos.

Se os boatos, conferida a fumaça, não passavam de boatos, os fatos que os geraram eram, e são, bem concretos e queimam com voracidade as entranhas da nação.

Concreta e cruelmente verdadeira é a dívida de cem bilhões de dólares.

Concreta e contabilmente certa é a incapacidade do País de satisfazer, tanto a curto como a médio prazos, os compromissos decorrentes desse fabuloso débito.

Concreta e terrivelmente verdadeira é a alienação da sabedoria nacional colocada em hasta pública, leiloadada segundo os preços e as condições impostas pelos nossos credores.

Concreta e limpidamente verdadeira é a recessão, que transforma a nossa indústria num imenso ferro velho, sucutada pela violenta queda do consumo, pela falta de financiamentos.

Concreto e inaceitável é o Decreto-Lei 2.045, que descarrega violentamente sobre os ombros do assalariado boa parte de uma crise que ele não construiu.

Concreto e hilariante, se não fosse trágico, é a transformação de um mal pronunciado mas sincero discurso em questão de honra à pátria, no exato momento em que acordamos com o FMI a transferência da gestão de nossa economia.

Concreta, vergonhosamente concreta é a Capemi e sua madeira, despencando nas corredeiras de um monstruoso rio de lama.

Concreta, vergonhosamente concreta é a Coroa-Brastel e sua casa da moeda, montada e acionada por quem até às vésperas contava com o apoio de certas figuras eméritas dessa República.

Concretos, feitos de carne e osso, são os 40 milhões de brasileiros que neste exato momento transitam pelo país, sem emprego, sem teto, sem assistência à saúde, sem esperança.

Concretos, feitos de carne e osso, são os 10 milhões de nordestinos cercados pela seca, pelo latifúndio, pela incompetência dos que transformam a seca num simples programa de emergência, em que pese seja um fenômeno secular.

Concretos, feitos de carne e osso, são os cinco milhões de desempregados e o triplo de subempregados.

Concretos e feitos de carne e osso, são os nossos 450 mil bóias frias. Concreto, real, palpável, é o medo, a perplexidade que envolve cada um de nós e todos os cidadãos desse país.

Concreta e real é a sensação de que não temos governo, de que "o

Governo não governa, não muda, não infunde respeito e provoca receios em todo o País" ("Isto É" - outubro/83).

Essa é a realidade nacional.

Essa é a realidade que se condensa pesada e ameaçadoramente sobre a cabeça de todos nós.

É neste quadro, sob essas nuvens, com os pés e a alma nessa realidade, que somos Governo, que estamos no Governo do Estado. Se ainda nas trincheiras que ocupamos nas últimas décadas, se ainda apenas minoria nos legislativos, com certeza mais confortável seria nossa posição. Mas, além de maioria em diversos legislativos e compondo a maioria no próprio Congresso, ocupamos nove dos principais governos de Estado.

Qual, então, nosso papel, sendo Governo e sendo oposição ao mesmo tempo?

Volto a uma afirmação que fiz quando assumi a Secretaria do Interior: somos Governo e não estamos no poder. Acredito que essa constatação é essencial para o estabelecimento das fronteiras que limitam nossas ações. O reconhecimento que não detemos o poder, que não decidimos, que nossa ação, por mais empenhada e sincera que seja, apenas arranha a superfície dos problemas. Por mais empenhada, sincera e renovadora que seja nossa ação, o máximo que podemos realizar são alguns exemplos. Exemplos que demonstrarão o que poderíamos fazer se tivéssemos também o poder. O máximo possível é fincar algumas estacas nessa estrutura e não modificar a própria essência da estrutura.

Somos nós que ditamos a política econômica?

Somos nós que ditamos a política agrícola?

Somos nós que ditamos a política salarial?

São só os nossos recursos que constroem casas, esgotos e sistemas de abastecimento de água?

Somos nós que podemos promover mudanças fundamentais na estrutura agrária?

A hipertrofia das instituições republicanas, a hipertrofia do Estado Federativo, a hipertrofia da política fiscal, transformaram os estados e os municípios em meros apêndices da União, toda poderosa, pantagruélica, voraz, avara.

Ora, se poucas são as coisas que o Estado pode realizar em termos de mudanças de estrutura - a proposta do PMDB é antes de tudo uma proposta de mudança estrutural e não de mera maquiagem dos problemas.

O que nos resta fazer?

Em primeiro lugar, e antes de tudo, em minha opinião, devemos ser fiéis à proposta, ao programa partidário. Ao mesmo programa que indica as mudanças estruturais como única saída para a crise. A partir dessa fidelidade,

sociedade em torno dele?

Vamos ao Interior do Estado, com roteiros previamente definidos, falando com nossos companheiros, divulgando uma proposta mínima, discutindo essas informações, dizer a eles o que está acontecendo. Não seria a hora de levarmos a eles a questão de que nós precisamos gerar no Brasil 1,8 milhão de novos empregos todo ano e que, para gerar esses empregos para os filhos dos brasileiros, todos nós precisamos fazer crescer o Produto Interno Bruto (PIB) 7 por cento ao ano? E que por razão de perda da soberania e influência do FMI o nosso PIB está com crescimento negativo? E quando eles disserem aos nossos parlamentares, aos nossos líderes, que não adianta, porque todos sabemos que historicamente o momento de crise tem três grandes passagens: a primeira de apatia, a segunda de perplexidade, a terceira de ação e até de violência, vamos dizer a eles que na década de 30 Osvaldo Aranha, ministro da Fazenda, num governo que vinha no bojo de uma manifestação popular, rompeu com os credores internacionais e fez a moratória unilateral, aplicou aqui os recursos que deveriam ir para o exterior, fez surgir as bases do desenvolvimento industrial desse país. Se nós, hoje, temos o maior parque industrial da América Latina, é porque as bases foram lançadas na década de 30, com o rompimento que fizemos com os credores internacionais. Precisamos sair por aí numa pregação patriótica, e quem conhece melhor o roteiro e a geografia do Estado que um Partido que, sofrido e castigado, chegou onde chegou? Temos tecnologia, temos capacidade, há um ano estávamos fazendo isso. E quanto aos *prefeitos*, estão eles agindo apenas administrativa ou também politicamente? Não estariam muitos companheiros prefeitos demasiado envolvidos pela crise municipal, perdendo a perspectiva política? Em muitas prefeituras a falta de perspectiva e a falta de informação e formação está levando companheiros nossos a repetir tal qual se fazia na administração anterior: "Faltam idéias, falta criatividade, falta visão política". Para muitos de nossos companheiros, prefeitos, o Partido já nem existe mais e o PMDB do Paraná não pode falhar em atendê-los e orientá-los.

Não seria o caso de planejarmos e executarmos a completa cobertura do Estado fazendo essa pregação? Não seria o caso de retomarmos o roteiro eleitoral fazendo agora essa pregação?

Nossos *vereadores* não são por excelência os companheiros que estão em contato mais permanente e íntimo com a população? Não são eles que cobrem os distritos, as vilas, os bairros, as quadras, casa por casa, rua por rua? Que tarefas o partido deve dar a eles então? De que forma eles podem levar esse programa mínimo, mobilizado, conscientizando e organizando a população em torno de nossas propostas?

E as *lideranças partidárias*, reconhecidas interna e externamente, que papel desempenharão?

Quanto à *Fundação Pedroso Horta*, além do que já disse, poderia acrescentar outras tarefas ainda. A tarefa, por exemplo, de *ser uma verdadeira universidade do Partido*, um centro formador de quadros, subsidiando a ação

correntes. O Partido Socialista da França, por exemplo, reúne, organizadas, instituídas, reconhecidas, 14 correntes, representando as mais variadas propostas. Essas correntes, sem destruir o arcabouço maior que é o partido, dinamizam sua vida interna, elevam o debate, aprofundam as propostas e permitem uma participação bem mais ativa de seus militantes. No entanto, essas correntes não dividem, não pulverizam o partido, pois todas elas se unem solidamente em torno de um programa mínimo, por todos aceito, por todos respeitado, por todos levado à prática.

*Devemos perder o acanhamento de sermos uma frente que reúne diversas correntes de pensamentos. Devemos instituir, institucionalizar, normatizar a existência de correntes nesta frente. Devemos identificar, mensurar, qualificar que correntes são essas, que forças reais representam, que peso específico na vida e na ação do partido.* Com isso, também teríamos um partido dinâmico internamente, com inevitáveis reflexos externos.

No entanto, isso tudo, essa proposta, parte de um ponto básico. *O arcabouço dentro do qual essas correntes se organizam, disputam, debatem e agem, o PMDB, não pode ser destruído.* Nem o arcabouço, ou seja, a estrutura, e nem o programa podem ser abalados. É necessário, para que isso aconteça, que as correntes estabeleçam, firmem, jurem e cumpram um pacto histórico, de respeito mútuo e de respeito à estrutura maior que é o PMDB.

Para mim, no meu entendimento, para a manutenção de dinamização dessa frente chamada PMDB, a institucionalização de suas correntes é uma tarefa urgente. Urgentíssima. É urgentíssimo que o partido se sente ao redor de uma mesa, institucionalize essa frente, reconheça todas as correntes e aprove uma pauta mínima, um programa mínimo que as unifique.

E isso é para já.

---

### UM PROGRAMA MÍNIMO PARA A FRENTE

---

E que programa mínimo seria esse?

Faço aqui algumas perguntas e as respostas a elas já demonstram essa possibilidade de união em torno de questões mínimas, mas essenciais à vida de nosso Partido, à vida, sobrevivência e soberania da própria nação.

1 - Há alguém no PMDB que seja contra as eleições diretas para presidente da República?

2 - Há alguém no PMDB que seja contra o rompimento com o FMI?

3 - Há alguém no PMDB que seja contrário a uma nova política econômica, que retome o desenvolvimento, principalmente com objetivos muito claros no plano social?

4 - Há alguém na frente peemedebista que seja contra uma política de emprego?

5 - Há alguém aqui ou há alguém no PMDB que seja contra o fim de todas as leis e aparatos de exceção?

Pois bem, não acredito que nenhuma das correntes que hoje formam a frente peemedebista seja contra essa proposta mínima de ação imediata,

que poderia traduzir em 3 pontos fundamentais:

*Primeiro:* Rompendo com as imposições externas, que estão na base desta situação de crise.

*Segundo:* Promovendo programas de emergência que enfrentem os problemas sociais mais sentidos, como os do desemprego, do custo de vida, da alimentação, da saúde.

*Terceiro:* Estabelecendo condições democráticas plenas e convocando uma Assembléia Nacional Constituinte livre, democrática e soberana, como propõe o programa de nosso Partido.

Trata-se, então, em cima desse programa mínimo, assumido e jurado por todas as correntes, demonstrar que o regime deve ser substituído, que o PMDB apresenta e tem sua alternativa para assumir o poder e cumprir com os seus compromissos. A unidade e o fortalecimento do Partido só serão possíveis a partir desta definição. Ingênuo pensar que a unidade seja possível exatamente pelo oposto, ou seja, pela *imobilidade*, pela *omissão*, pela *não explicitação*. Esta, quando praticada, é a unidade espúria, que afasta o PMDB de seu papel central.

Enquanto o PMDB não se reconhecer como frente, não compreender a presença de diversas correntes internas, estaremos imobilizados, porque a cada proposta teremos a argumentação de que é preciso cuidado para não ferir interesses que temos dificuldades em identificar porque não se expressam politicamente e de forma explícita.

*O PMDB precisa dar um salto*, ganhar nova qualidade para dar respostas efetivas a esta situação de crise econômica, social e política em que nos encontramos. Uma crise que exige respostas cada vez mais imediatas, porque o povo não pode esperar e exige soluções políticas para os seus problemas.

---

### A QUESTÃO DO PODER NA ORDEM DO DIA

---

Sobre o pano de fundo da crise econômica e social desenvolve-se a luta pelo poder. E são convocados à cena personagens que nos últimos vinte anos foram alijados do processo político. Hoje, o povo, a sociedade, é colocada diante da possibilidade de mudança. Por mais que os governantes procurem manter o regime e ensaiem a repetição da desgastada pantomima sucessória, não há como impedir a manifestação de um evidente desejo de mudança.

Basta ler o noticiário da imprensa para compreender o profundo desgaste do Governo, a deterioração do regime. As denúncias de corrupção, a insatisfação de amplos setores da sociedade, o desemprego que conduz à violência, o crescimento da marginalidade, a falta de soluções para a crise econômica nos marcos do sistema. Tudo isso estreitou a base de sustentação política e social do regime. E o Governo perdeu completamente sua credibilidade, não tendo hoje qualquer possibilidade de convencer a nação sobre qualquer projeto. Mesmo porque suas soluções continuam sendo aquelas que, antes de tudo, penalizam o povo.

É para todos evidente, líquido e certo que as contradições internas

acirram-se, que o bloco que sempre deu sustentação ao regime se divide, fragmenta-se e se organiza em novos blocos, vivendo um novo confronto entre si. O melancólico desfile dos presidencialistas que ainda teimam em realizar o baile da Ilha Fiscal enquanto o poder se desmorona. é um exemplo poderoso dessa fragmentação, dessa disputa intestina no bloco desarticulado e sem ritmo do poder. E, assim, vai se tornando impossível governar, porque a base política e a base social de apoio ao Governo vão ficando tão estreitas que já não sustentam o monstro todo poderoso de outrora e agora carcomido pelos seus próprios vícios.

---

### E NÓS, DO PMDB, QUE FAZEMOS?

---

Assumimos o lugar de espectadores desse processo? Apostamos num dos preferidos que correm na raia interna demarcada pelo Governo Federal?

Escolher um dos "presidencialistas" e coparticipar da escolha ilegítima através de um colegiado espúrio?

*Não, companheiros. O papel do PMDB, neste momento, é se propor como alternativa de poder. Não para disputá-lo na raia lamacenta dos favores e aconchegos palacianos.*

Não para aceitar as regras do jogo impostas pelo sistema. Não para coonestar o processo fraudulento que mais uma vez, agora em desespero, tentam nos impor.

O PMDB deve se apresentar como alternativa de poder à sociedade brasileira, com a força do povo exigindo sua legitimidade no poder pela escolha direta, pelas eleições diretas. Apresentando seus nomes, suas propostas, seu programa para um Governo provisório que substitua o que aí está.

O PMDB deve assumir essa ofensiva em todas as suas linhas de ação. Através de suas bancadas nos parlamentos e principalmente pelos organismos partidários que devem ser orientados por um programa e calendário de lutas. Vamos sair em campanha, mobilizando, levando ao povo a idéia de que é ele que vai substituir a situação que vivemos, protestando e expressando sua vontade de mudar. Levamos as causas dos nossos males, discutirmos o nascedouro de nossos maiores problemas, para que sejam identificadas as propostas e os responsáveis por elas e que estão infelicitando a nação.

---

### UTILIZAR TODOS OS INSTRUMENTOS DE LUTA

---

*Ao Partido é lançado o desafio de utilizar ordenadamente seus vários instrumentos políticos.*

*Que calendário e tarefas poderíamos acionar?*

Qual o papel da Fundação Pedroso Horta? A formação de quadros, a elaboração de teses e condições para cumprir de forma mais rápida esse papel de conscientização?

Não seria o momento dos parlamentares saírem em ampla campanha pelo Estado, levando um programa mínimo, divulgando-o e organizando a

no magro, estreito campo de manobra que nos é permitido, devemos buscar a implementação dessas mudanças.

*Em segundo lugar, devemos continuar a luta pelas mudanças estruturais, pois do contrário passaríamos a ser meros administradores da crise, de uma crise que não criamos e que, ao longo de nossa militância e ação oposicionista, a repudiamos. Do contrário, seremos ensacados, sem piedade, no mesmo saco com os responsáveis pela situação atual. A recente pesquisa da "Folha de São Paulo" sobre o conceito dos governos de oposição e dos partidos de oposição junto à opinião pública demonstrou que começa a acontecer uma tendência da população de nos colocar no muro ao lado daqueles que provocaram e cultivam a crise.*

Será que a opinião pública está errada ou, de fato, estamos nos distanciando de nosso programa e passamos a ser meros executivos, administradores, coadministradores, síndicos da crise, parlamentares fechados em parlamentos, dirigentes e líderes partidários transformados em anestesistas e cirurgiões de crises internas?

*Façamos uma reflexão.*

Cabe ao Executivo reverter essa tendência que começa a acontecer? Só ao Executivo?

Ou muito mais cabe examinar a participação do Partido nessa questão? Como reverter esse processo de desgaste, de pouca ação política?

---

### PMDB: A FRENTE E SUAS CORRENTES

---

Em princípio, sabemos que nenhum dos partidos políticos tem demonstrado estar à altura para aglutinar todas as forças em oposição ao regime.

Mas, companheiros, cabe ao PMDB, na condição de maior Partido de oposição, de maior concentração de forças em oposição ao regime agir decididamente neste desafio histórico e modificador, inserindo-se na luta diuturna dos brasileiros. Para fazê-lo é necessário que antes de tudo o PMDB assumira sua condição de frente. É preciso que o PMDB se compreenda como frente política que reúne diversas correntes que, em tese, se unificam em torno de um projeto básico: o fim da atual proposta política do Governo Federal e a sua substituição por condições democráticas e de recuperação da soberania nacional, que permitam a ampla participação popular num processo de reconstrução da nação.

Daí a necessidade urgente de institucionalizar estas correntes, defini-las, explicitá-las e conquistar sua unidade em cima de uma pauta mínima de compromissos políticos comuns, de um programa que corresponde a uma prática ordenada e consensual das diversas correntes. Correntes estas que devem perder o temor de se assumir.

**Explico:**

Alguns expressivos partidos das democracias modernas, dos países mais desenvolvidos, abrigam em seu interior, institucionalizadas, reconhecidas